

## Trauma e letra

*Sandra Seara Krueh*

Felipe pega o lápis e o papel espontaneamente pela primeira vez. Quer escrever algo. Com forte intencionalidade e concentração, traça pequenas linhas equidistantes e de igual tamanho, formando uma série de traços. Enquanto traça, fala devagar o que está escrevendo no mesmo ritmo em que marca o papel com sua nova escrita. "O lobo mau mordeu a minha filhinha" é a história narrada e escrita. Logo em seguida, numa segunda escrita, conclui que "lobo mau" se escreve com uma letra "o" mal-escrita, uma garatuja e escreve uma série de "o"s espalhados pelo papel e os qualifica de feios. Não deixa de fazer sentido que "lobo mau" seja escrito com letra feia!

Dois elementos sobressaem neste exemplo clínico de Psicanálise com crianças pequenas que ainda não sabem escrever: a narrativa e a escrita. Gostaríamos de abordar esses dois elementos chamando a atenção para a noção de compulsão à repetição tal como foi mudando a clínica de Freud e como foi retomada por Lacan em seu ensino.

Temos dois outros exemplos de narrativa em que o suporte é não tanto a escrita, mas, sim, o brincar e os contos infantis. Eis o primeiro:

Luiz, de três aninhos, acaba de sofrer uma enorme perda de modo repentino e brutal. No seu luto, vem às sessões e monta brincadeiras que vão se definindo ao se repetirem, em série, ao longo do tempo, até chegar a sua forma final. Na brincadeira dos bichinhos sempre insiste em aparecer, de modo repentino e assustador, uma onça, que acaba desfazendo a brincadeira com uma súbita bagunça.

Essa onça apareceu de repente, um dia, na brincadeira e, como a analista reconheceu ali sua presença através de uma dramatização, ela começou a aparecer sempre, assim que os bichinhos já estavam arrumados sobre a mesa e acabava, assim, com a brincadeira. Aos poucos foi surgindo um segundo jogo:

Luiz dava comidinha para a analista, e esta deveria recusar como pudes-se. A comidinha rejeitada foi progressivamente sendo qualificada de suja, preta, um pé chulé, um pé preto sujo e com chulé, chulezão. Quanto pior ficava a qualificação maior era a insistência de Luiz para que a analista comesse. A serenidade se instalou para Luiz no dia em que a analista finalmente engoliu com muito esforço o tal chulezão. Finalmente tinha acontecido.

Podemos ver nos dois exemplos clínicos que o que é narrado é o acontecimento, já no passado, de algo terrível e cruel: o lobo mau mordeu a filhinha, e o pai nada pôde fazer, pois já havia acontecido, e o pé chulé havia sido engolido, quer quisesse, quer não. O tema da narrativa é o mesmo. No terceiro exemplo, é a morte do pai do Rei Leão pelo Scar que volta nos pesadelos do pequeno Antônio. Esses pesadelos foram se definindo até se fixar nessa morte inevitável retratada no filme da Disney, que povoa a imaginação de tantas crianças.

O tema dessas narrativas, feitas praticamente de uma só frase, é aquele que Goethe nos traz quando corrige o livro de Gênesis. No início era o ato, corrige Goethe, onde estava escrito que no início era o verbo. É o tema de *Totem e tabu*, de Freud, do assassinato do pai primevo. Ao inventar o mito, ele coloca na sua base o fato de que "realmente deve ter acontecido".

Diz Freud no seu texto:

A analogia entre os homens primitivos e os neuróticos será estabelecida assim de modo muito mais completo, se supusermos que também no primeiro caso a realidade psíquica – a respeito da qual não temos dúvida quanto à forma que tomou – coincidiu no princípio com a realidade concreta, ou seja, que os homens primitivos realmente *fizeram* aquilo que todas as provas mostram que pretendiam fazer. (grifo de Freud)

Nos casos clínicos citados, o aspecto a ser destacado é o de um trauma estrutural e não-histórico sem, é claro, deixar de dar toda importância à história de vida do sujeito. Neste trabalho é o aspecto estrutural que estamos examinando.

Trauma será, aqui, definido como um encontro com o ponto de des-preparo da estrutura simbólica diante do real. O encontro com o furo no simbólico é ponto de partida para os remanejamentos estruturais. Sem o trauma, da forma como foi definido aqui, a estrutura não se movimenta. Num remanejamento possível, ocorre que, no tempo do "só depois", o trauma, como furo na linguagem, pode vir a ser ressignificado contando com os traços significantes à disposição de um particular sujeito passando,

assim, a se inscrever numa história pessoal. O desenvolvimento se processa, portanto, por pontos de detenção e não por progressiva simbolização.

É no "a posteriori" da narrativa que se instala o mito do que havia antes. A estrutura temporal de um "antes" e um "depois" é criada simultaneamente pela (re)significação do trauma em termos significantes, a partir de um ponto de detenção, um corte. Esse é o modo de compreender a contradição expressa na formulação de Freud de que algo da ordem de um mito realmente aconteceu. É o tratamento do real pelo simbólico.

O mito, a narrativa, o conto infantil podem carregar dentro de si esse elemento do trauma como vimos nos exemplos acima. O significante, na sua recorrência, faz série. Se considerarmos a série numérica, no sentido de Frege, onde o número um carrega em si o conjunto vazio, a série poderia ser considerada como o reenvio constante do trauma através da série associativa de significantes.

O que se repete na série é a falta original, o trauma, poderíamos concluir a partir daí. As narrativas apresentadas nos exemplos clínicos – algo da ordem do já acontecido, do desde já perdido – parecem representar a inauguração de uma série de compulsão à repetição.

A compulsão à repetição, em uma Psicanálise, é o caminho por onde se passa para chegar a construir um saber sobre o trauma, sobre o encontro com o real. Esse ponto de falha, então, poderia vir a ser sabido e não só vivido pelo analisando. Está claro aqui que não se trata de um saber intelectual, mas sim daquele saber adquirido no processo de análise da compulsão à repetição.

A letra em instância ordena as posições subjetivas diante das repetições. Aqui a questão da letra, da escrita, está colocada. A letra é diferente do significante. O significante tem efeito de sujeito, (S barrado), de encadeamento, (S1-S2) e pressupõe o campo do Outro (A). A letra, por sua vez, pressupõe a escrita. Na escrita não está pressuposto que ela será lida (por A), e ela se compõe letra a letra numa soletração que não impõe encadeamentos com efeitos de significação. A escrita, quando supõe um código previamente estabelecido, é diferente de uma escrita em que o código não o está. Dessa forma, na medida em que se escreve, cifra-se. Lacan coloca que a cifra supõe o número três do nó borromeano.

Voltando ao primeiro exemplo clínico, podemos ver que a escrita procura fixar a narrativa de uma maneira diferente do que o brincar e o conto infantil. A escrita faz mais fixação do que ficção. Nos traços seriados de Felipe e nos "Os" garatujados, todo um mundo de ficções está desde já pressuposto.

O fato de a criança não saber escrever (um código) e, mesmo assim, tentar fazê-lo, talvez mostre um outro uso da escrita que não o da transcrição da fala. Estou me referindo aqui ao uso da letra como variável matemática. A letra como variável pode assumir diversos valores diferentes ao mesmo tempo que fixa uma fórmula. Por uma única letra passam inúmeras possibilidades. Assim, Felipe, ao escrever dessa maneira, diz de seu sofrimento com inúmeras facetas e dimensões ainda não narradas de forma significativa.

A história narrada, de certa forma, encobre inúmeras outras narrativas possíveis que o fato de escrever, por sua vez, revela. É nesse sentido que uma letra pode estar *en souffrance*, como se diz em francês. Ela está à espera de ser desdobrada em discurso. Ficam cifrados inúmeros sentidos no sem-sentido da letra. Poderíamos dizer que, no lobo mau escrito em garatujas, estão virtualmente contidas as narrativas do chulezão, do lobo mau, do rei leão e até mesmo Goethe e Freud. Todas sedimentadas numa só letra esperando a possibilidade de se desdobrarem em discurso numa Psicanálise.

E para Felipe, quando seria isso: numa Psicanálise quando criança ou quando adulto? Tanto numa quanto noutra, desde que, quando adulto, permaneça escrito, talvez através de um sintoma de má caligrafia das letras o, o lobo mau de seu trauma estrutural, agora transformado talvez em "trauma de infância".

Felipe guarda numa letra a posição subjetiva de não abrir mão de construir um saber sobre o trauma. O trauma não estará vagando de significativo em significativo, arriscando se perder, só tendo a associação livre como seu aliado. Está fixado numa letra que permanece em instância, *en souffrance*.

### Notas

<sup>1</sup> FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*, ESB, p. 190.

<sup>2</sup> ALLOUCH, Jean. *Letra a Letra*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 1994.

### Referências

- BADIOU, Alain. É preciso pensar o número. In: Revista da Letra Freudiana n.1-4.
- FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do Prazer*. Psicologia de grupo e outros trabalhos. Tradução de Jayme Salomão. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, 18. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 89